



## REPRESENTAÇÕES DE CULTURA SURDA DE ALUNOS DA DISCIPLINA FUNDAMENTOS DE LIBRAS

Ana Rachel Carvalho Leão<sup>1</sup>

### Introdução

Este trabalho tem por objetivo apresentar algumas representações sobre cultura surda construídas pelos alunos da disciplina Fundamentos de Libras de uma Universidade pública do estado de Minas Gerais. A disciplina, até o ano de 2009 era presencial, mas desde 2010 é ofertada na modalidade virtual. Em cumprimento à Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002, a disciplina é obrigatória para alunos dos cursos de licenciatura, de Fonoaudiologia e de Pedagogia. Para alunos de outros cursos, a disciplina é optativa. A disciplina passou a ser ministrada à distância para conseguir atender à grande demanda de alunos que precisam cursá-la. Atualmente, a disciplina conta com quase mil alunos e a tendência é que esse número aumente a cada ano. A pesquisadora atua na disciplina desde que ela se tornou virtual.

A aula utilizada para a formação do *corpus* aconteceu no segundo semestre de 2010, ano em que a pesquisadora trabalhava como tutora. Os recortes do *corpus* foram produzidos em uma aula que tratava do tema cultura surda. Para tanto, foram disponibilizados para os alunos dois textos, ambos escritos por autores que são estudiosos e pesquisadores da Língua Brasileira de Sinais. Os alunos deveriam, após a leitura, participar do fórum de discussão e dar sua opinião sobre o assunto. As opiniões dos alunos foram registradas na plataforma utilizada para o ensino e agrupadas para formar o *corpus* desta pesquisa.

Um dos objetivos da disciplina é levar os alunos a refletirem que ser surdo não é ser anormal, mas apenas ser diferente dos ouvintes. Segundo o discurso dos idealizadores do curso, essa reflexão é importante para que os alunos comecem a ver os surdos com outros olhos, não contaminados de visões preconceituosas e incorretas. De acordo com Ströbel (2007, p. 21),

A sociedade não conhece nada sobre o povo surdo e, na maioria das vezes, fica com receio e apreensiva, sem saber como se relacionar com os sujeitos surdos, ou tratam-nos de forma paternal, como 'coitadinhos', 'que pena', ou lida como se tivessem 'uma doença contagiosa' ou de forma preconceituosa e outros estereótipos causados pela falta de conhecimento.

A aula que aborda o tema cultura surda convida os alunos a uma reflexão sobre a existência ou não dessa cultura. Muitos alunos, antes de cursarem a disciplina, não conheciam nada ou quase nada sobre ela. A literatura sobre a cultura surda afirma que esta existe e está diretamente relacionada ao uso da Língua de Sinais (LS). Outra de suas características diz respeito ao fato de os

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais.



surdos criarem associações onde podem se encontrar e conversar usando a LS e onde também colocam em prática os costumes partilhados pelo grupo.

Em um estudo realizado por Dalcin (2006), a autora afirma que surdos nascidos em famílias de ouvintes se reconhecem como “estrangeiros em relação ao núcleo familiar”, isso porque a família utilizava a língua oral para se comunicar e não a língua de sinais. Devido a isso os surdos perdem muitas informações e não conseguem se entender com seus familiares. Mas quando esses sujeitos são inseridos na cultura surda e aprendem a língua de sinais é como se existisse uma

(...) linha divisória que delinea condições constantes entre o antes e o depois do encontro com a comunidade surda e a língua de sinais. O antes é descrito como um período marcado pelo sofrimento, isolamento e alienação a que estavam submetidos por conviver apenas entre pessoas que interagiam somente através da oralidade. O depois passa a ser caracterizado como um momento repleto de alegria, de encontros agradáveis, de abertura para a vida. (DALCIN, 2006, p. 192)

### **A análise do discurso**

As análises das opiniões dos alunos foram baseadas na Análise do Discurso (AD) oriundas de Michel Pêcheux e diversos trabalhos brasileiros posteriores.

Para a AD o sujeito é considerado assujeitado, pois se constitui através da linguagem. O sujeito da AD é encontrado na psicanálise (descentrado, inconsciente, não dono de si) e no materialismo histórico (ideologia) (FERREIRA, 2003). Além disso, o sujeito também é considerado como desejante e constituído pela falta, e sempre em busca de sua completude. Em suma, “a condição da linguagem é a incompletude. Nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. Constituem-se e funcionam sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento” (ORLANDI, 1999, p. 52).

Todo sujeito pertence a um determinado tempo histórico e grupo social e partilha com seu grupo ideologias e crenças (BRANDÃO, 2009, p. 2). As ideologias aparecem em todo discurso e segundo Pêcheux (1995, p. 161) “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”.

Através da análise dos depoimentos (discursos) dos alunos, buscarei salientar quais são suas representações de cultura surda. De acordo com Grigoletto (2003, p. 225): “(...) na teoria psicanalítica, as representações são do domínio da identificação imaginária. Nessa categoria de identificação, o eu constitui-se como instância psíquica ao se identificar com determinadas imagens no mundo. Mas o eu só se reconhece em algumas imagens, que ele seleciona”. Veremos, a seguir, os depoimentos dos alunos.

#### **DEPOIMENTO 1:**

“A cultura surda está sendo, ao menos para mim, conhecida agora através dos textos que venho lendo e atividades que venho fazendo nessa disciplina, mas certamente a muito já está



sendo desenvolvida. Como o pensamento dominante atual aceita o multiculturalismo, todo grupo considerado minoritário e menos favorecido tem ganhado apoio e sido valorizado. Além disso, hoje em dia, o normal é ser diferente, ou seja, as peculiaridades do indivíduo são valorizadas. Mas, como os textos mostram, a surdez não é fator de união entre os surdos porque entre eles há diferenças sócias, preconceitos e lutas por poder como em qualquer grupo humano. Contudo, o mais interessante é que a Libras tem provado que a linguagem supera a fala.”

Neste depoimento o aluno deixa claro que considera os surdos como um *grupo minoritário e menos favorecido*. Ele diz, ainda, que *hoje em dia o normal é ser diferente*. Essa questão do normal x anormal já foi discutida por alguns autores. Na nossa sociedade os ouvintes são considerados “normais”, enquanto os surdos, “anormais”. Isso porque ouvintes geralmente são maioria nas comunidades. Duschatzky e Skliar (2001, p. 124) afirmam que

Necessitamos do outro, mesmo que assumindo certos riscos, pois de outra forma não teríamos como justificar o que somos, nossas leis, as instituições, as regras, a ética, a moral e a estética de nossos discursos e nossas práticas. Necessitamos do outro para, em síntese, poder nomear a barbárie, a heresia, a mendicidade etc. e para não sermos, nós mesmos, bárbaros, hereges e mendigos.

Ao afirmar que *hoje em dia o normal é ser diferente*, o aluno tenta mostrar aos que irão lê-lo que ele considera ser surdo normal, mas o não dito é que ser ouvinte é ser anormal. A justificativa que ele dá para afirmar que os surdos são normais é que hoje em dia *as peculiaridades do indivíduo são valorizadas*. Ou seja, os surdos seriam considerados normais porque teriam a surdez valorizada pela sociedade. Mas isso não acontece. Esse aluno tenta mostrar ao professor e aos tutores da disciplina que ele também pensa como eles, que ser surdo não é ser anormal. Entretanto ele se contradiz, pois no início de sua fala afirma que surdos são um *grupo minoritário e menos favorecido*, ou seja, não são valorizados como pessoas normais.

#### **DEPOIMENTO 2:**

“Pelo que li e aprendi até agora posso afirmar que existe uma cultura surda, pois estes têm uma língua, hábitos e formas de lazer próprios. No entanto, apesar de eles terem uma cultura própria, acredito que não devemos os excluir de nossa cultura, integrando todos esses valores dentro da mesma sociedade.”

Esse outro aluno afirma que após ler os textos disponibilizados pela disciplina e participar das discussões propostas, acredita que a cultura surda existe. Porém, o uso da locução “apesar de” revela uma ambiguidade em sua posição discursiva, o que demonstra um não dito de que ele acha que a cultura surda não deveria existir e os surdos deveriam se adequar à cultura majoritária, que é a cultura ouvinte. Além disso, ao dizer que os ouvintes não devem excluir os surdos, há aí também um não dito de que são os surdos que devem integrar os valores dos ouvintes em sua cultura, e não o contrário.

#### **DEPOIMENTO 3:**



“Existe sim uma cultura surda. Onde há a desigualdade, uma diferença (como a língua oral e a língua de sinais) cada um tem a sua cultura. Nossas relações sociais são diferentes (surdos e ouvintes) o que gera os contrastes de nossa cultura.

Isso sem contar que a língua é social, sua evolução precisa do fator social e cultura, dessa forma a língua oral e de sinais evoluem de maneiras diferentes seguindo as necessidades de seus "falantes". (...)”

Neste depoimento, a aluna afirma considerar que a cultura surda existe apenas pelo fato de existir uma *desigualdade, uma diferença* entre surdos e ouvintes. Se há *desigualdade* entre surdos e ouvintes, é porque um dos grupos é considerado superior ao outro. Houve um silenciamento de que ouvintes são superiores aos surdos, mas ao marcar que essa relação existe, ela apresenta a contradição. Um dos motivos que pode tê-la feito não dizer tudo o que pensa é o medo de ser considerada preconceituosa. Dessa forma, ela deixa de dizer algumas coisas que poderiam prejudicá-la ou torná-la mal vista pela professora.

De acordo com Pêcheux (1969, p. 82), “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. Assim, podemos concluir que a aluna silenciou em alguns momentos devido à imagem que tem da professora (estudiosa e pesquisadora da língua de sinais, defensora da cultura surda e da ideia de que surdos não são inferiores aos ouvintes). Ou seja, ela quis mostrar a professora que pensa como ela, como uma tentativa de não ser “punida” por ter uma opinião diferente.

#### **DEPOIMENTO 4:**

“(...) Essas informações são importantes na nossa compreensão das diferenças existentes entre o mundo "real" dos surdos e o mundo que nós pensávamos, antes da disciplina, que eles "estavam".”

Este aluno mostra que antes de cursar a disciplina nem imaginava que surdos e ouvintes viviam no mesmo *mundo*. Podemos inferir que ele pensava que os surdos viviam em um mundo inferior ao mundo dos ouvintes, um mundo considerado “não real”, em contraposição ao mundo “real” dos ouvintes. Esse aluno passou por uma desestabilização ao cursar a disciplina. Ou seja, ele aprendeu que surdos e ouvintes vivem no mesmo mundo, um mundo que é *real*, e que apresenta suas diferenças.

#### **DEPOIMENTO 5:**

“Bem, posso estar sendo preconceituoso, mas não acredito em uma "cultura surda", pois o termo cultura significa uma série de simbolismos, linguagens e valores compartilhados por uma determinada sociedade (*mais ou menos isso*), forma de pensar o mundo e agir sobre ele. Os surdos têm uma linguagem própria e tudo mais, mas apenas isso, suas culturalidades estão atrelados principalmente às suas origens!”

Podemos dizer que este aluno não sofreu uma desestabilização total após cursar a disciplina. Antes de cursá-la ele não acreditava na existência de uma cultura surda e após o curso continuou



com sua opinião. Apesar disso, ele ainda não considera sua opinião como totalmente desprovida de preconceito admitido na abertura do seu dizer *posso estar sendo preconceituoso*, o que nos leva a acreditar que a desestabilização não foi completa.

Ele afirma que os surdos possuem uma *linguagem própria*, mas ao longo da disciplina foi muito frisado que a Libras não é uma linguagem, mas uma língua. Para ele, a “linguagem” é a única diferença marcante entre surdos e ouvintes, mas isso não é o suficiente para afirmar que a cultura surda exista. Ao afirmar que os surdos têm apenas uma linguagem, ele nega que possam não ter a mesma forma de pensar, partilhar valores e a agir sobre o mundo que os ouvintes. Para esse aluno, o simples fato de os surdos viverem no mesmo ambiente que os ouvintes faz com que eles tenham a mesma cultura. Ou seja, apesar de a disciplina ter disponibilizado textos que defendem a existência da cultura surda, este aluno ainda não sofreu deslocamento e continua a negar a sua existência.

## Conclusão

Podemos afirmar que no dizer desses alunos reverberam outras vozes. Segundo Authier-Revuz (2004) são as heterogeneidades. De acordo com a autora,

(...) sob nossas palavras, ‘outras palavras’ sempre são ditas; que, atrás da linearidade ‘da emissão por uma única voz’, se faz ouvir uma ‘polifonia’; que ‘todo discurso parece se alinhar sobre várias pautas de uma partitura’ e que o discurso é constitutivamente atravessado pelo ‘discurso do Outro’ (p. 69, grifos da autora).

Ou seja, os alunos fazem uso, em seus discursos, dos discursos dos autores dos textos lidos e estudados. Dessa forma, eles mostram ao professor que aprenderam o que lhes foi ensinado e que leram os textos que lhes foram disponibilizados pela disciplina.

A partir da análise pôde-se concluir que apesar de alguns alunos terem dito acreditar na existência da cultura surda, deixaram deslizar em seus discursos que, para eles, a cultura surda não existe ou é inferior à cultura dos ouvintes e que, portanto, deve se adequar à cultura majoritária. Outros afirmaram que não acreditam na existência de uma cultura que não seja a cultura ouvinte, pois em suas representações qualquer pessoa (surda ou ouvinte) faz parte da cultura do lugar onde vive, sendo essa a única cultura possível.

## Referências bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: \_\_\_. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

BRANDÃO, H. H. N. *Analisando o discurso*. 2009. Disponível em: [http://www.museulinguaportuguesa.org.br/colunas.php?pag=2&page=2&area=&palavra\\_chave=&limit=10](http://www.museulinguaportuguesa.org.br/colunas.php?pag=2&page=2&area=&palavra_chave=&limit=10) (acessado em 04/07/2011).

DALCIN, G. Um estranho no ninho: um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo. In: QUADROS, R. M. (org.) *Estudos surdos I – Série pesquisas*. Petrópolis: Arara Azul, 2006. p. 186-215.



DUSCHATZKY, S; SKLIAR, C. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, J; SKLIAR, C. (org.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 119-138.

FERREIRA, M. C. L. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil. *Cadernos de Comunicação* (UFSM), Santa Maria – RS, v. 1, 2003. p. 39-46.

GRIGOLETTO, M. Representações, identidade e aprendizagem de língua estrangeira. In: CORACINI, M. J. (org.) *Identidade e discurso*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003. p. 223-235.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. Tradução de Eni P. Orlandi. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2 ed. Campinas: Unicamp, 1993. p. 61-161. Título original: *Analyse automatique du discours*, 1969.

STRÖBEL, K. L. História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (org.) *Estudos surdos II – Série pesquisas*. Petrópolis: Arara Azul, 2007. p. 18-37.